

A IDENTIDADE DISCURSIVA DO HOMEM DE GELO EM *X-MEN ÍCONES*: RELAÇÕES ENTRE QUADRINHOS E IDENTIDADE

Alex Caldas Simões
Doutorando em Língua Portuguesa (UERJ)
axbr1@yahoo.com.br

RESUMO

A partir de X-men Ícones: Homem de gelo (2001, 2002) pretendemos em nossa exposição evidenciar o ethos discursivo do Homem de Gelo dos X-men. Apoiados em Amossy (2005) e Maingueneau (2005, 2008) discutiremos sobre os conceitos de cena enunciativa e de ethos para descrever as imagens de si produzidas pelo personagem em seu próprio discurso: afinal, qual a identidade discursiva do herói nas HQ's? Dessa forma, esperamos apresentar em nossa exposição a identidade discursiva do personagem: poderoso, justo, teimoso e que visa a normalidade. Tal identidade define o herói e tende a se repetir em sagas de aventuras.

PALAVRAS-CHAVE: Ethos discursivo, Quadrinhos, Identidade Narrativa

ABSTRACT

From X-Men Icons: Ice Man (2001, 2002), we aim at our exhibition highlighting the discursive ethos of the Iceman from X-Men. Supported by Amossy (2005) and Maingueneau (2005, 2008) will discuss the concepts of expository scene and ethos to describe the images produced by the character of himself in his own speech: after all, what the discursive identity of the hero in the comics? Thus, we hope to present in our exposure to discursive identity of the character: powerful, righteous, stubborn and seeks normalcy. This identity defines the hero and tends to recur on adventure sagas.

KEYWORDS: Discursive ethos, Comics, identity Narrative

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Já não é novidade que as histórias em quadrinho tem sido objeto de estudo e investigação por parte dos pesquisadores da comunicação, letras e artes. A ideia de que quadrinhos são objeto de estudo considerado *lixo cultural* e sem importância ou impacto para o desenvolvimento científico e cultural da sociedade há muito foi superada (RAMOS, 2007, 2009, 2011). Atualmente os quadrinhos vivem a plenitude dos estudos da imagem, em particular com os estudos sobre multimodalidade e com sua articulação com o ensino de língua portuguesa (RAMOS, 2009) e outras disciplinas curriculares (RAMA & VERGUEIRO, 2009; VERGUEIRO & RAMOS, 2009).

Hoje estudos particulares sobre os quadrinhos têm sido desenvolvidos pela ciência linguística, ao menos a partir dos anos 2000 (URBANO, 2011). Sendo assim, pautados nessa demanda de pesquisa, em nossa exposição evidenciaremos a identidade discursiva de Robert Drake, o homem de gelo dos X-Men. Como *corpus* de estudo analisaremos as HQ's *X-Men Ícones: Homem de Gelo* (2001, 2002). Utilizaremos como aporte teórico-metodológico os instrumentos da análise do discurso de Maingueneau. Dividiremos a nossa exposição em três partes: (a) sobre as noções de cena enunciativa e ethos discursivo (MAINGUENEAU, 2005, 2008; AMOSSY, 2005a, 2005b); (b) sobre o ethos discursivo de Robert Drake (O homem de gelo) na HQ's *X-men Ícones: Homem de Gelo* (2001, 2002); e (c) ao final da investigação teceremos nossas considerações finais sobre o assunto.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em nossa exposição utilizamos como aporte teórico-metodológico os conceitos de ethos e cena enunciativa, elaborados por Maingueneau (2005, 2008), com algumas interseções com os estudos de Amossy (2005a, 2005b). Ao final da seção teceremos algumas interseções entre as pesquisas dos dois autores.

DOMINIQUE MAINGUENEAU

O conceito de ethos é uma noção teórica que remonta à Grécia antiga. Naquela época o ethos era visto como uma das provas retórica de Aristóteles. O ethos era uma imagem discursiva que colaborava na legitimação argumentativa de um discurso. Das provas retóricas de Aristóteles, tínhamos:

Prova Retórica	Definição
ETHOS	Consiste no “caráter do orador ou imagens de si que este apresenta no seu discurso para obter a adesão do outro” (MENEZES, 2006, p. 90-91).
PATHOS	Consiste na “adesão do outro, as paixões e os sentimentos que propiciam a felicidade do ato discursivo” (MENEZES, 2006, p. 90-91).
LOGOS	Representa a racionalidade persuasiva de um discurso (Menezes, 2006).

Tabela 1 – As provas retóricas de Aristóteles

A noção de *ethos* também foi vista no campo de estudos da análise do discurso. Segundo Maingueneau (2005, p. 70), Oswald Ducrot reformulou a noção de *ethos* em seu quadro pragmático de linguagem: “[e]m termos mais pragmáticos, dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no do ‘dito’. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado.” Assim a figura do *ethos*, que antes era visto apenas como uma unidade, é dividida em duas unidades de análise: (a) o *ethos dito*, aquele que é efetivamente dito no discurso, ou seja, está no plano da sentença linguística; e (b) o *ethos mostrado*, aquele que não é dito no discurso, mas surge no plano do entendimento, por pressuposiçõesⁱ, subentendidosⁱⁱ, ou outro processo linguístico de processamento da linguagem.

Nesse sentido, o *ethos* está ligado à figura do “locutor L”ⁱⁱⁱ. Esse locutor é aquele que é a fonte da enunciação e que possui uma série de características que tornam esta enunciação aceitável ou recusável. Ao retomar os estudos pragmáticos de *ethos*, Maingueneau (2005, 2008) afirma que o *ethos* se mostra, ele não é dito.

Após esta reformulação o próprio Maingueneau, no início dos anos 1980, propõe uma análise do *ethos* inserida em uma teoria de análise do discurso. Maingueneau, em sua postulação, defende que todo discurso, seja ele oral ou escrito, possui um *ethos* formado por uma vocalidade específica. Essa vocalidade específica do discurso evidencia uma fonte enunciativa, “[...] por meio de um tom que indica quem o disse [...]” (2005, p. 72). Existindo uma vocalidade também existe um corpo do enunciador (MAINGUENEAU, 2005)^{iv}. Com isso, queremos dizer que um orador qualquer ao enunciar constrói um corpo de enunciador que por um tom específico evidencia uma vocalidade também específica. Dessa forma, o *ethos* recobre não só a dimensão vocal, mas também “um conjunto de determinações físicas e

psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador” (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

O corpo do enunciador, o fiador^v é composto: (a) por um “caráter”, que corresponde “a um feixe de traços psicológicos” (MAINGUENEAU, 2005, p. 72); e (b) e por uma “corporalidade”, que corresponde a um estado de compleição corporal, ou seja, a uma maneira de vestir-se e de mover-se no espaço social (MAINGUENEAU, 2005) que se constrói com base em estereótipos sociais.

Ao considerarmos que todo discurso provém de uma cena de enunciação^{vi} temos que a figura do ethos não é somente um meio de persuasão, mas também é parte de uma cena enunciativa (MAINGUENEAU, 2005). Dessa forma, podemos dizer que

“como o enunciador se dá pelo tom de um fiador associado a uma dinâmica corporal, o leitor não decodifica seu sentido, ele participa ‘fisicamente’ do mesmo mundo do fiador. O co-enunciador captado pelo ethos, envolvente e invisível, de um discurso, faz mais do que decifrar conteúdos. Ele é implicado em sua cenografia, participa de uma esfera na qual pode reencontrar um enunciado que, pela vocalidade de sua fala, é construído como fiador do mundo representado” (MAINGUENEAU, 2005, p. 90).

Com isso, o leitor é incorporado definitivamente na cena enunciativa, e, através de uma percepção complexa advinda do material linguístico e do ambiente, este formula o *ethos discursivo efetivo* (Figura 1).

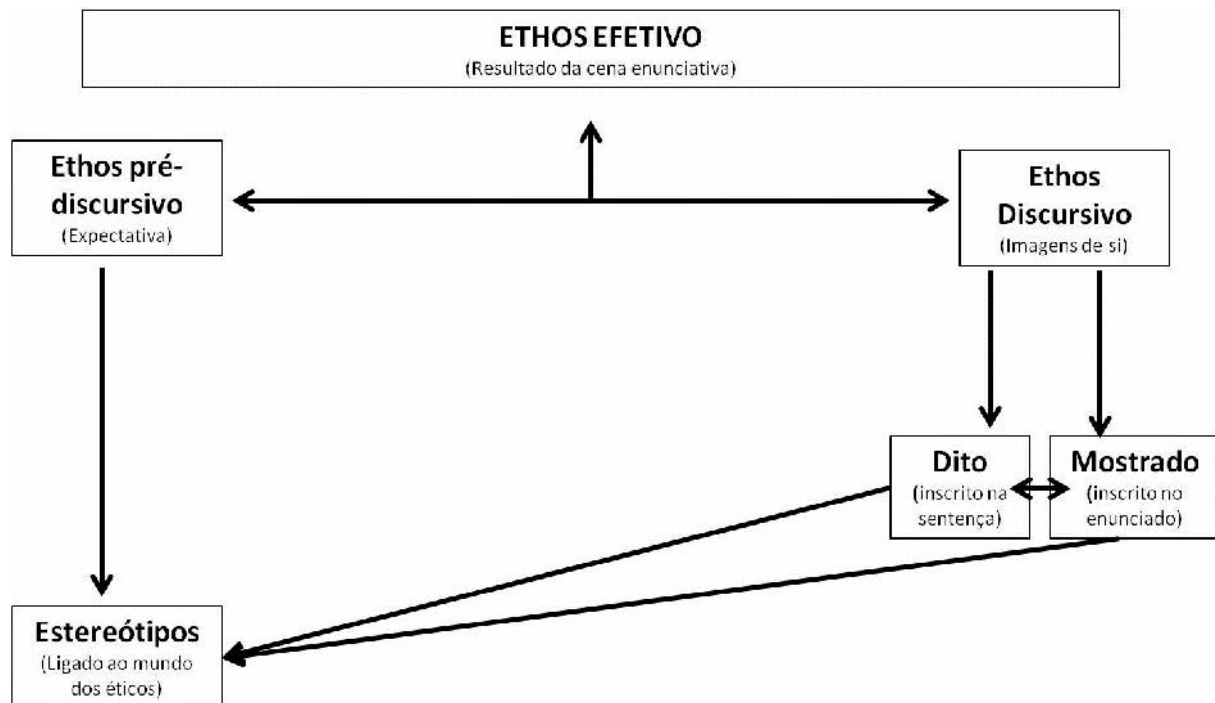


Figura 1 – Ethos discursivo efetivo.

Fonte: MAINGUENEAU, 2008, p. 19 – adaptado.

Esse ethos efetivo (ver figura 1) é o resultado de uma interação complexa entre vários elementos: o *ethos pré-discursivo*, o *ethos discursivo mostrado* e *ethos discursivo dito*^{vii}, todos ancorados em algum estereótipo.

RUTH AMOSSY

Para Amossy, o ethos se define pelos

“traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...] O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo. O autor [Barthes] retoma assim as ideias de Aristóteles, que afirmava em sua *Retórica*: ‘é [...] ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão’ (BARTHES, 1970, *apud* AMOSSY, 2005a, p. 10).

Com isso Amossy (2005b) enuncia que o ethos é uma construção tanto linguageira (discursiva) quanto institucional (social). Dessa forma, o estudo do ethos deve se pautar em um estudo da interlocução “que leva em conta os participantes, o cenário e o objetivo da troca verbal” (AMOSSY, 2005b, p. 124).

A autora (2005b, p. 125) ainda postula o conceito de ethos-prévio que corresponde a um ethos que precede a construção da imagem no discurso:

“[n]o momento em que toma a palavra, o orador^{viii} faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme as exigências de seu projeto argumentativo” (AMOSSY, 2005b, p. 125).

Amossy (2005b), em seu projeto teórico, ainda esboça a ideia de estereótipo (ou estereotipagem), que desempenha um papel fundamental na constituição do ethos discursivo. Para a autora (2005b), a construção do ethos-prévio e do ethos dependem que estes sejam assumidos por uma doxa^{ix}, ou seja, que se “indexem em representações partilhadas.” Afinal, será esta representação cultural pré-existente que será buscada pelo orador no momento de sua enunciação para melhor argumentar.

MAINGUENEAU E AMOSSY: INTERSEÇÕES

Tanto para Amossy (2005a, 2005b) quanto para Maingueneau (2005, 2008), o estudo do ethos discursivo corresponde ao estudo de uma imagem discursiva que não corresponde a uma verdade empírica, mas a uma verdade enunciativa, inscrita no plano do discurso. Amossy (2005b) considera as imagens de si no discurso como construções discursivas ancoradas na doxa. O mesmo pensa Maingueneau (2005, 2008), entretanto o autor (2005, 2008) chama a doxa de esteriótipo; o mesmo ocorre com as noções de ethos pré-discursivo (MAINGUENEAU, 2005, 2008) e ethos-prévio (AMOSSY, 2005b), que podem ser considerados sinônimos, apesar de inscritos em distintos quadros metodológicos.

Feitas as nossas considerações teóricas sobre o ethos discursivo, passaremos, na seção seguinte, à exposição de nossas análises sobre a HQ's *X-Men Ícones*.

DISCUSSÕES: O ETHOS DO HOMEM DE GELO

Nesta série de aventuras, Bobby vai em busca de seu suposto filho e tenta ajudá-lo. No início da aventura, ele se apresenta como um jovem-turista de passagem pela cidade: traz uma pequena mala consigo, um casaco e um óculos de sol (Figura 2).



Figura 2 - Bobby chega em Honk Kong
(Fonte: X-men Ícones, 2001, p. 03 – editado)

Ao saber da condição de seu filho e da ajuda que precisaria dar a ele, Bobby hesita em responder se pode. Essa hesitação constrói para ele um ethos de dependência. Isso se evidencia: na primeira vinheta^x da figura 3 (plano geral^{xi}), na qual o personagem contempla

pensativo o filho por alguns instantes; e na construção do conteúdo do balão-fala^{xii} da vinheta seguinte, “*Eu... eu preciso de tempo para pensar*” (Figura 3). A hesitação, construída pelo sinal de pontuação reticência e a gagueira (*Eu... eu*), reforçam essa imagem. Ao que nos parece, Bobby depende de algo ou alguém para tomar decisões. Nas cenas seguintes da HQ, percebemos que ele necessita da opinião e/ou permissão de sua família, os X-Men (Figura 3). Isso evidencia-se no conteúdo do balão-fala de Hank: “*Bobby! Onde você está? Estávamos preocupados! Você não pode sumir do mapa desse jeito sem falar com seus companheiros...*” (Figura 3), que indica deveres e/ou obrigações por parte do Homem de gelo.

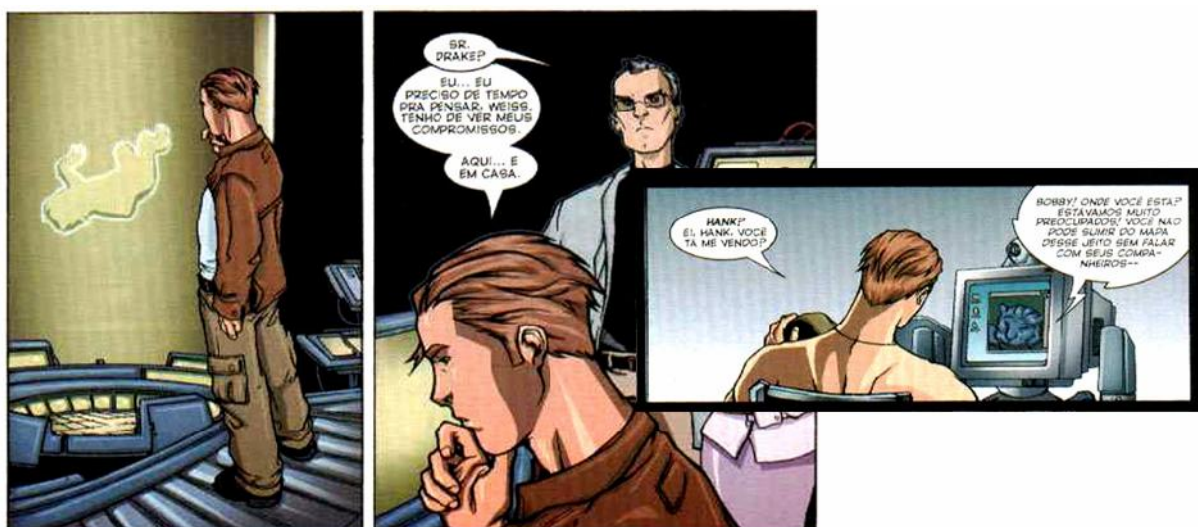


Figura 3 - Bobby indeciso sobre ficar em Honk Kong e ajudar o seu filho
(Fonte: X-men Ícones, 2001, p. 14/ p. 16 – editado e montado)

Na mesma cena narrativa, evidencia-se um ethos de teimosia, uma vez que o Homem de Gelo, mesmo sendo orientado por Opal a não procurar os X-Men, os procura (Figura 4). Essa imagem é compartilhada por outros personagens, como Opal, que afirma “*Bobby sempre foi um cabeça-dura, Alain*” (X-men Ícones, 2001, p. 23).



Figura 4 - Bobby contraria Opal e liga para os X-men
(Fonte: X-men Ícones, 2001, p.14)

Ainda na primeira história da HQ X-men Ícones, Bobby constrói um ethos de poder (grande poder), quando, ainda que inconsciente, congela um lago inteiro (Figura 5).

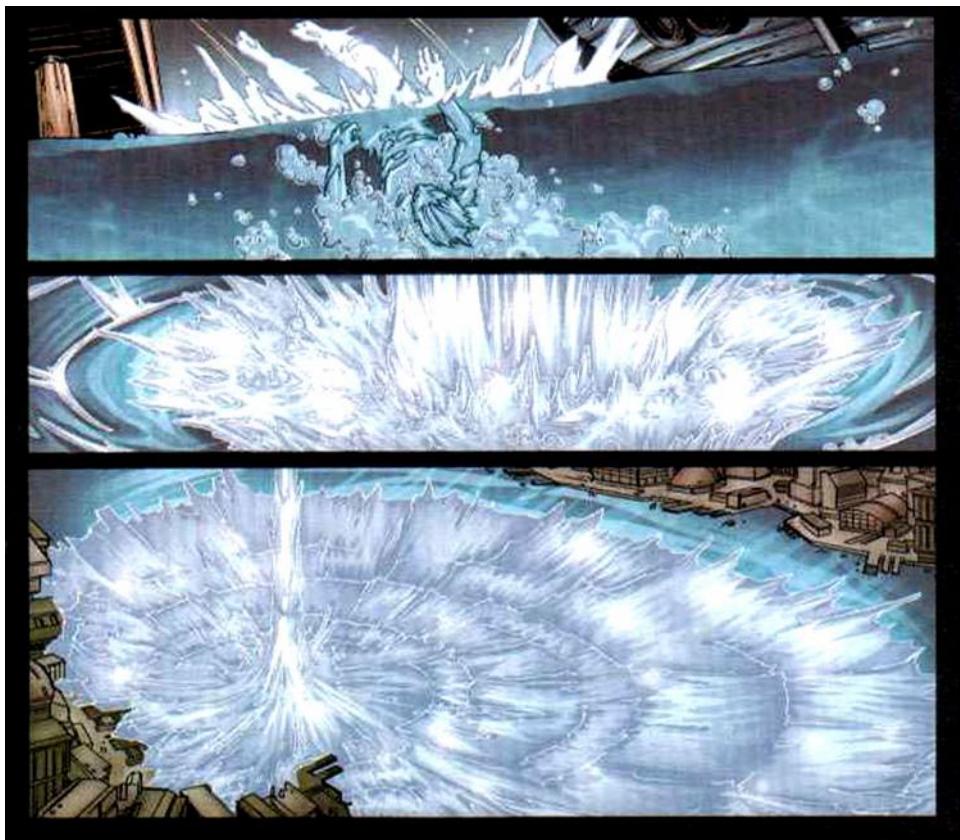


Figura 5 – Bobby, em sobrecarga, congela um lago inteiro
(Fonte: X-men Ícones, 2001, p. 22)

A cena da figura 5 é descrita em três vinhetas (em plano geral), em transição de quadros ação-a-ação^{xiii}. Essa descrição enfatiza a expansão do congelamento do lago: na primeira vinheta, há o mergulho do Homem de Gelo no lago; na segunda vinheta, é enfatizado o choque de energia, onde um jato de água é levantado, e, em seguida, congelado; na última vinheta da cena narrativa, percebe-se a zona de ação do congelamento, todo o lago, indo do centro às margens.

O ethos de poder (grande poder) também se depreende da versatilidade com que os poderes de Bobby são utilizados (Figura 6). Ele é capaz de criar paredes ou barreiras de gelo, congelamentos, raios e tempestades de gelo, neve, escorregas e modificações corpóreas (ver Figura 6).



Figura 6 – A versatilidade dos poderes de Bobby

(Fonte: X-men Ícones, 2002, p. 16,17,20,21 – Editado e montado)

(Fonte: X-men Ícones, 2002, p. 09, 10, 13, 18 – Editado e montado)

Ainda podemos analisar no personagem a construção de um ethos de justiça, uma vez que Bobby luta contra as injustiças e perversidades do Dr. Weiss, além de defender os inocentes, no caso, as crianças que sofreram o processo de augmentação (Figura 7).



Figura 7 – Bobby vai em busca do Dr. Weiss e luta com os Augmen
(Fonte: à esquerda, X-men, 2002, p. 13; à direita, X-men, 2002, p. 15 – editado)

Na figura 7, percebemos, na primeira imagem, à esquerda, descrita em plano aberto, e ângulo de visão superior^{xiv}, ao menos para a primeira vinheta (sem requadro), que o Dr. Weiss se encontra diminuído/encurralado por Bobby. Ao final da cena narrativa, na terceira vinheta, o conteúdo do balão-fala de apêndice cortado^{xv} de Bobby revela: “*Eu te farei pagar por tudo*” (X-men, 2002, p. 13). O fato de estar representado por um apêndice cortado revela que o personagem está em outro plano de ação, e o foco, então, recai sobre a fuga do Dr. Weiss. Há ainda uma ênfase na palavra “pagar”, que se relaciona com o campo semântico do ethos de justiça, os malfeitores devem pagar por seus crimes. Podemos ainda salientar que a cena narrativa construída por vinhetas (sem requadro^{xvi}) em gradação de largura, ressalta a

velocidade com que o tempo corre. Ao que nos parece, há ênfase na fuga e nas ações de perseguição, no caso a fuga do malfeitor e a busca do herói, o que reforça a construção do ethos de justiça.

Já na segunda imagem da figura 7, à direita, temos que o conteúdo do balão-fala do Homem de Gelo enfatiza: “*Tente não machucar essas crianças, Chin! Elas são inocentes! Só destrua o cyberlink delas!*” (X-men, 2002, p. 15). Nesse enunciado, percebemos a caracterização das crianças como inocentes. Percebemos ainda que o uso do modificador desrealizante^{xvii} “só” enfatiza a construção do ethos de justiça, uma vez que, sendo justo, os inocentes devem ser salvos e protegidos, como é mostrado nas cenas em plano detalhe com transição de quadros ação-a-ação: os augmen tem somente os seus cyberlinks atingidos por gelo e/ou ataques de contusão; em seguida as criaturas caem lentamente no chão, sem maiores danos.

Ao final da aventura, já tendo derrotado o Dr. Weiss, Bobby constrói um ethos de responsabilidade, ao decidir ficar com Robert Tanaka, mesmo este não sendo seu filho legítimo (Figura 8).



Figura 8 – Bobby decide ficar em Honk Kong e cuidar do seu “filho”

(Fonte: à esquerda, X-men Ícones, 2002, p. 20 / à direita, X-men Ícones, 2002, p. 22)

Podemos notar que a imagem à esquerda da figura 8, é construída por um plano detalhe^{xviii}, onde há ênfase na expressão facial do personagem, que parece enfatizar tristeza. Essa conclusão se depreende de 5 elementos em conjunto e em movimento: olhos (quase fechados), pálpebras (quase fechadas), pupilas (normais), sobrancelhas (baixas) e boca (semi-aberta) (CAGNIN, 1975, apud RAMOS, 2009). Este plano de visão reforça a construção do

ethos de responsabilidade, uma vez que, independente de seus interesses, o personagem assume suas ações e/ou realizações.

A imagem à direita da figura 8, se dá logo após a apresentação do vídeo de Opal Tanaka. Podemos observar que essa cena narrativa é construída em vinhetas (sem requadro) em gradação e plano detalhe (foco nas expressões faciais do herói), sendo a primeira menor que a última, o que enfatiza a velocidade com que o tempo transcorre. Esses elementos reforçam a construção do ethos de responsabilidade, uma vez que Bobby, ao escutar a decisão de Opal, parece não concordar com a suposta mãe de seu filho. O rosto curvado para baixo e a mão no queixo sinalizam essa observação. O conteúdo do balão-fala do personagem “*Eu sabia*” (X-men, 2002, p. 22), reforça ainda mais a formação do ethos indicado, ou seja, mesmo não sendo filho de Robert Tanaka, Bobby cuidaria dele, como seu filho, pois se sente responsável. Ao não aceitar a decisão de Opal, Bobby ainda revela a construção de um ethos de teimosia, ao mesmo tempo em que constrói um ethos de normalidade: na *doxa*, temos que todo pai cuida de seus filhos ou dos filhos de sua mulher, e é isso que esperamos de Bobby.

Feitas as nossas considerações sobre o ethos discursivo de Bobby em *X-men Ícones: Homem de Gelo*, passaremos, na subseção seguinte, à exposição do ethos discursivo efetivo do personagem.

RESULTADOS: O ETHOS DO HOMEM DE GELO

Tendo evidenciado as imagens discursivas do Homem de Gelo na HQ *X-Men Ícones: Homem de Gelo*, passaremos abaixo à exposição de seu ethos discursivo efetivo:

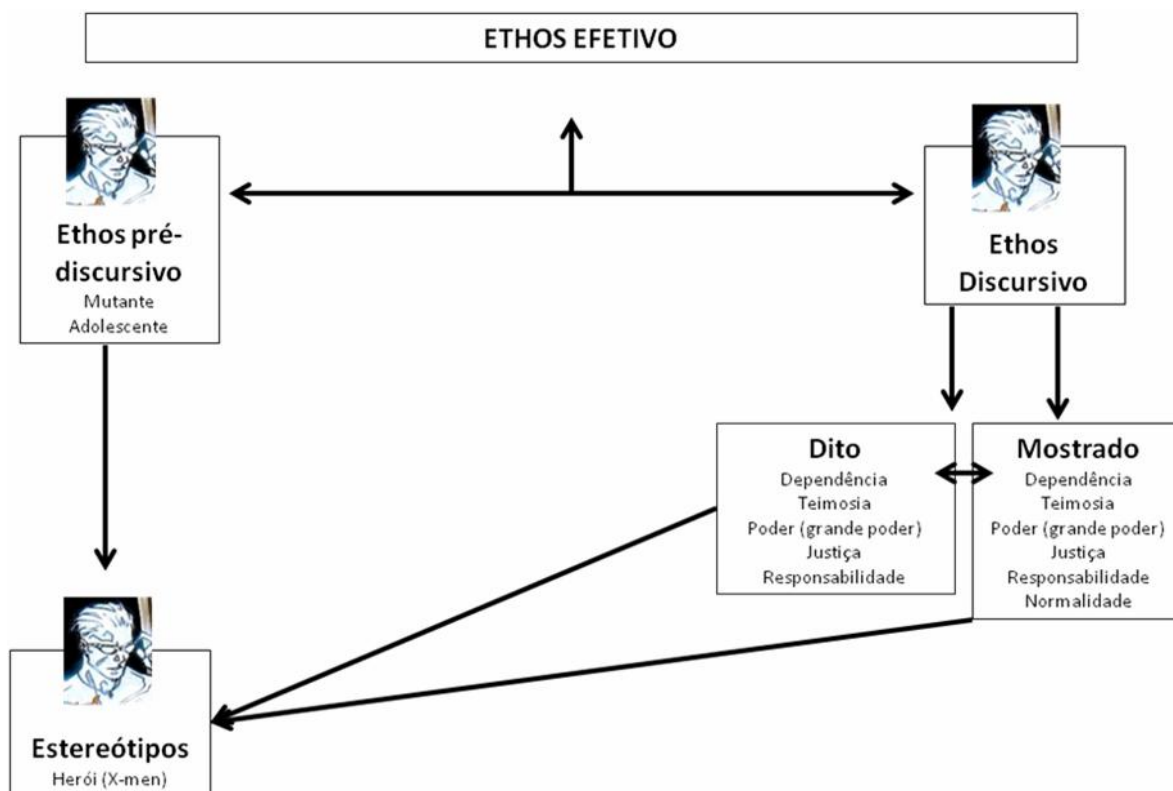


Figura 9 – O ethos efetivo do Homem de Gelo na HQ X-men Ícones.

(Fonte: construção nossa)

A partir da figura 9, podemos evidenciar que as imagens discursivas construídas pelo personagem se ancoram no estereótipo de Herói (X-Men). Dessas imagens, construímos uma expectativa, o ethos pré-discursivo de mutante e de adolescente. A partir dessas representações partilhadas, construímos os seguintes ethos discursivos: de dependência (de sua família de mutantes, os X-Men), de teimosia, de poder (grande poder), justiça (ao lutar contra o mal e salvar inocentes), responsabilidade e normalidade (ao assumir um filho que não é seu, na posição de pai).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Maingueneau (2008), podemos avaliar que as imagens discursivas produzidas por Robert Drake nas HQ's *X-Men Ícones: Homem de Gelo* (2001, 2002) evidenciam que qualquer discurso, seja ele oral, escrito ou multimodal, possui formações discursivas conhecidas como ethos. Essas formações discursivas são percebidas por nós leitores (co-enunciadores), na medida em que nos incorporamos na cena de enunciação das HQ's em foco. É por meio desse processo discursivo que se processaram as análises aqui elaboradas.

Ao adotarmos a premissa de Maingueneau (2008), depreendemos da totalidade da cena enunciativa o ethos efetivo do Homem de Gelo dos X-Men. Na HQ *X-Men Ícones: Homem de Gelo (2001, 2002)*, depreendemos o ethos de dependência, teimosia, poder (grande poder), justiça, responsabilidade e normalidade.

Aqui vale recordar o que diz Vergueiro (2009) sobre os personagens de histórias em quadrinhos: os personagens são sempre retratados do mesmo modo, no caso podemos dizer que os personagens principais possuem a mesma identidade discursiva base, independente da aventura narrada ou roteirista convidado. Logo, as imagens discursivas que encontramos no Homem de Gelo devem ser as mesmas em outras aventuras. É essa conclusão que também identificou Sieni (2003, p. 78) em sua dissertação de mestrado: “[o] perfil psicológico dos personagens principais é bastante característico independentemente dos roteiristas se alternarem com muita regularidade.”

Este fato não quer dizer que outras identidades discursivas não possam ser agregadas aos heróis e vilões, pois como sabemos a modernidade tardia tem levado à formação de um sujeito fragmentado (e por que não, personagens fragmentados) “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2004, p. 12). Estas identidades não são fixas ou permanentes e alteram-se de acordo com os diferentes momentos histórico-sociais vividos por cada indivíduo ou sociedade – o que acaba por interferir na construção e na identidade dos personagens ficcionais, reflexos da sociedade que os concebe.

A presença de identidades discursivas diferentes da identidade discursiva base são construídas de forma auxiliar à construção da narrativa, e, por isso, não se prendem à identidade discursiva do herói. Ao que nos parece, a fixação de uma identidade discursiva, assim como indica Sieni (2003), é determinada por eventos importantes e não por aventuras isoladas ou secundárias às tramas e/ou sagas principais.

A partir dessa constatação, a pesquisa sobre a identidade discursiva de heróis e vilões das HQ's, ainda recentes no campo de estudos entre os quadrinhos e a linguística, se mostra relevante para estudantes de artes/letras, roteiristas e/ou admiradores dos quadrinhos, que procuram entender personagens e sagas de aventuras que se seguem de forma contínua e ininterrupta. Entender uma identidade discursiva, portanto, é saber identificar ou prever movimentos ou ações de personagens, de modo a torná-las coerentes dentro de sua concepção inicial e história pessoal. Ao analisarmos o Homem de Gelo, descobrimos um jovem poderoso, dependente de orientação e conselho, seja de sua família ou grupo de heróis. Ao

que nos parece, ele não busca uma vida de super-herói, estando, portanto, disposto a viver uma vida normal, sem agitações ou grandes conflitos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org). *Imagens de si no discurso – a constituição do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 9-28.

AMOSSY, Ruth. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (org). *Imagens de si no discurso – a constituição do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 119-144.

CABRAL, Ana. Lúcia. Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução Luíza Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995. p. 45-61.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-91.

MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução Hélcio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENEZES, William. Augusto. Estratégias discursivas e argumentação. In: LARA, Gláucia Muniz Proença. (org.). *Lingua(gem), texto, discurso v1: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006. p. 87-105.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, São Paulo: Zarabatana, 2011.

RAMOS, Paulo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese (doutorado). USP, São Paulo: 2007.

SIANI, Marcus Vinícius Borges. *Alegorias da diferença: valores, estigma e segregação social nos quadrinhos X-men*. Dissertação (mestrado). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

URBANO, Hudinilson. Prefácio. In: RAMOS, P. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, São Paulo: Zarabatana, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-64.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Orgs). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

X-MEN ÍCONES: HOMEM DE GELO. Vol. 1. Dez. São Paulo: Editora Panini, 2001.

X-MEN ÍCONES: HOMEM DE GELO. Vol. 2. Nov. São Paulo: Editora Panini, 2002.

Como citar este artigo:

SIMÕES, Alex Caldas. *A identidade discursiva do Homem de Gelo em X-Men Ícones: relações entre quadrinhos e identidade*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out - nov. 2014, pp. 427-443. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19estudos03.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507

ⁱ Podemos entender pressuposição como umas das formas que se apresenta o implícito. A pressuposição está na significação do enunciado e não da sentença. A construção da pressuposição se dá por meio de apoios linguísticos (CABRAL, 2011).

ⁱⁱ “O subentendido não está inscrito no enunciado; ele depende de um raciocínio do interlocutor em torno do enunciado” (CABRAL, 2011, p. 62).

ⁱⁱⁱ Locutor, segundo Ducrot (1984), citado por Eduardo Guimarães, representa o ‘eu’. É responsável pela enunciação que vai estar no enunciado. Se divide em “Locutor L” e “Locutor I”. O primeiro, “é o que se representa como fonte do dizer” (GUIMARÃES, 1995, p. 60); o segundo, é o locutor-enquanto-pessoa-no-mundo” (GUIMARÃES, 1995, p. 60).

^{iv} Aqui o corpo do enunciador não é o corpo do autor de real (de carne e osso), mas uma construção discursiva.

^v O fiador, segundo Maingueneau (2005, p. 72) é uma figura que o leitor “deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens.”

^{vi} A cena de enunciação é composta por 3 cenas:(i) a cena englobante, que corresponde ao tipo de discurso (ex: político, religioso) (MAINGUENEAU, 2005); (ii) a cena genérica, que corresponde a um contrato associado a um gênero discursivo (MAINGUENEAU, 2005); e (iii) a cenografia, que corresponde a uma construção própria daquele texto (MAINGUENEAU, 2005).

^{vii} A diferença entre o “ethos dito” e o “ethos mostrado”, segundo Maingueneau (2008) é muito tênue e muitas vezes é impossível distingui-los; o mesmo vale para o “ethos pré-discursivo” e o “ethos discursivo”.

^{viii} Amossy (2005b) considera orador como o enunciador (ou locutor). O mesmo vale para o termo auditório: que representa para a autora o alocutário.

^{ix} Para Amossy (2005b, p. 125) doxa corresponde ao “saber prévio que o auditório possui sobre o orador.”

^x Vinheta ou quadro (EISNER, 1999). “O quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento” (VERGUEIRO, 2009, p. 35).

^{xi} O Plano geral se refere a um “enquadramento bastante amplo, de forma a abranger tanto a figura humana como, também, todo o cenário que o envolve” (VERGUEIRO, 2009, p. 40). Para Ramos (2009, p. 137) este plano também pode ser chamado de panorâmico e “[n]a prática [ele] é amplo o bastante para englobar o cenário e os personagens representados.”

^{xii} O balão-fala é “o mais comum e expressivamente o mais neutro; possui contorno com traçado contínuo, reto ou curvilíneo; também é conhecido como balão de fala” (RAMOS, 2009, p. 37).

^{xiii} A transição de quadros ação-ação é aquela em que há um “único tema em progressão” (MCCLLOUD, 1995, p. 70). Aqui é descrito em passos a queda do Homem de gelo no lago.

^{xiv} Para Ramos (2009, p. 143), o ângulo de visão superior é também chamado de plonge ou picado; nele há uma “visão de cima para baixo.” Para Vergueiro (2009, p. 44), “este ângulo de visão normalmente permite que os personagens sejam diminuídos, quase que encurralados pelo meio ambiente ou pelas adversidades.”

^{xv} O apêndice corresponde, segundo Ramos (2009, p. 43), a uma “extensão do balão, que se projeta na direção do personagem”, ou seja, é o recurso que indica o discurso direto.

^{xvi} Podemos entender requadro como a linha que contorna a vinheta (RAMOS, 2009).

^{xvii} O modificador, segundo Cabral (2011, p. 95) em pesquisa sobre Ducrot (1998), é uma palavra ou expressão que pode “modificar o *tópos* de um predicado.” Ele, portanto, reforça o valor contido no enunciado. O modificador pode ser classificado em: (a) realizante, se “reforçam o valor contido no enunciado” (CABRAL, 2011); ou (b) desrealizante, se atenua ou inverte o valor contido no enunciado (CABRAL, 2011).

^{xviii} Este plano, segundo Ramos (2009), também pode ser chamado de primeiríssimo plano. O plano detalhe busca chamar atenção “para detalhes do rosto ou de objetos” (RAMOS, 2009, p. 140). Para Vergueiro (2009, p. 42) se esse detalhe não fosse ressaltado pelo plano detalhe ele “passaria despercebido pelo leitor.”